

# A “Angústia do Nada”:

Ensaio Inicial sobre a Para-etilogia da Angústia Humana.

**Fernando Salvino (MSc.)**

*Parapsicólogo e Psicoterapeuta*

*Pesquisador Independente da Consciência*

*Coordenador do NIAC – Núcleo de Investigações Avançadas da Consciência*

*ABRAP – Associação Brasileira de Parapsicologia*

*Parapsicólogo do HU – Hospital Universitário (UFSC) – Projeto Amanhecer*

## **Resumo**

Este ensaio adentra na complexa questão da para-etilogia da angústia, especificamente, da “angústia do nada” e suas repercussões na vida consciente e inconsciente e suas relações com o espectro mais integral da experiência evolutiva humana, na ótica parapsicológica.

**Palavras-chave:** *Parapsicologia Clínica, Psicoterapia Integral, Angústia, Angústia do Nada.*

## **Abstract**

This essay enters the complex issue of to-etiology of anxiety, specifically, the “anguish of nothing” and its impact on conscious and unconscious life and its relations with the most complete spectrum of human evolutionary experience in parapsychological perspective.

**Keywords:** *Clinical Parapsychology, Integral Psychotherapy, Anxiety, Anguish of Nothing.*

## **Resumem**

En este ensayo se entra en la compleja cuestión de la etiología de la ansiedad-, concretamente, la “angustia de la nada” y su impacto en la vida consciente e inconsciente y su relación con el espectro más completo de la experiencia humana en una perspectiva evolutiva parapsicológicos.

**Palabras clave:** *Parapsicología Clínica, Psicoterapia Integral, la ansiedad, la angustia de la nada.*

## **I. Das Considerações Preliminares**

Gostaria de iniciar esse breve ensaio a partir da tentativa de compreensão do processo que aqui, neste momento, denomino como “angústia do nada”. Este conceito é estranho a primeira vista, visto ser aparentemente vago e altamente subjetivo. No entanto a “angustia do nada” transparece como sendo a base pela qual nasce o processo de angústia de forma geral. Angústia vem de angina, que possui raiz etimológica ligada ao coração, e portanto ao sistema cardiorespiratório, ao chacra correspondente e aos processos ligados ao sentimento de afeto e amor, recebimento e aceitação a si e ao outro ou ao bloqueio deste processo.

## **II. Da Angústia**

A angústia fenomenologicamente falando, é o sentimento de sufocamento psicobiofísico, concentrado na região cardíaca e peitoral, com repercussões sistêmicas nos batimentos cardíacos (aceleração e descontrole emocional) e no descompasso no ritmo respiratório, acompanhado de sensação psicológica e física difícil de descrever pela pessoa envolvida no processo, acompanhado de imagens mentais vagas e confusas, sentimentos flutuantes, mas aproxima-se de espécie de aperto e muitas vezes, acompanha uma tristeza, melancolia e ansiedade agonizante, impulsiva, levando a pessoa a buscar alternativas para lidar com esse sentimento e, muitas vezes, acabam por ser vias de fuga, negações ou compensações.

É claro que as bases da angústia estão sustentadas em processos complexos e sistêmicos e não em uma causa e um efeito. Muitas vezes, inclusive, a angústia pode ser parte de um fenômeno parapsíquico, como a telepatia e a transidentificação, quando a pessoa capta pelos seus sistemas extracerebrais de percepção, as sensações/informações angustiantes de uma pessoa próxima ou à distância (assimilação simpática, captação). Ou ainda, advém de um movimento pessoal, intrínseco, de angústia, onde a própria pessoa capta o que mesmo sente. E deste “nada interior” que venho falar aqui. É muito mais difícil vencer um obsessor interno que um obsessor espiritual. Este último, basta você tira-lo da psicofera da vítima, enquanto que aquele, como uma erva daninha cria raízes profundas no inconsciente levando-nos a concepção do “nada”.

Daí convém trazer aqui a problemática que encerra o assunto. Milhares e milhares de pessoas passam pela entranha e pouco compreensível sensação de angústia. Entretanto, para

compreendermos onde a angústia se encontra, precisamos trazer esse sentimento dentro de seu referencial próprio. Eis que, todo sentimento é sentimento de alguma coisa. Assim como, toda angústia é angústia de alguma coisa.

### III. Da Angústia do Nada

Assim, “algo” parece angustiar a pessoa, porém, este algo escapa de sua consciência, este algo está num campo que chamo aqui de “nada”. A angústia vem do “nada”, deste espaço não-localizado, porém sendo a fonte, é o “tudo” para a pessoa angustiada. Sendo o “nada” seu “tudo”, acaba sendo o “tudo” que a persegue e que parece estar lhe deixando sob uma ameaça que acaba ativando seu instinto de sobrevivência à morte. Desta forma, toda “angústia do nada” parece ser “angústia de morte”, de aniquilação devido a perseguição deste “tudo não-localizado”, que é, essencialmente um “tudo mal”. A pessoa assim nesta situação experiencial conflita com a angústia como se ela fosse um Outro. E é este Outro que adentrarei aqui. Quem é o Outro [o “nada”] que a angustia? É um “nada” que a *possui* ou tenta de todas as formas lhe *possuir*.

Caminhando nesta linha de raciocínio, a angústia é angústia de, referindo-se ao *objeto* da angústia. Embora o “nada” seja a ausência absoluta de algo, o “vazio”, o “silêncio absoluto”, o “nada” no nível parapsicológico, representa o “buraco negro” da psique, ou seja, seu “tudo”. Noutras palavras o “nada” é o local não-localizado onde se encontra o que não é consciente, ou seja, o sub ou inconsciente. Aquela área onde a maioria das pessoas fogem, se defendem e fazem de tudo para fugir ou negar sua existência, compensando com uma série de comportamentos defensivos e estruturas de caráter organizadas para a defesa de tal campo obscuro. Ora, porque então falar em “angústia do nada”? O “nada” então pode ser muita coisa, o problema é a consciência que não localiza o que é o Outro deste “nada”.

A angústia caminha ao lado do amor. Ora, a possibilidade e a vivência franca e aberta do amor traz alívio cardiorrespiratório e parece fazer com que o processo da angústia se dissolva temporariamente. Quem ama, ama algo, ou seja, o objeto do amor. Estar no amor significa, dentre tantas outras coisas, que a pessoa sente-se preenchida internamente, ou seja, seu “nada” não mais existe, ou diminui consideravelmente até sua não-percepção consciente. Procuramos diuturnamente preencher o “nada” através do amor. Assim, a “angústia do nada” é a vivência real ou ilusória da perda do amor e do medo do vazio: “*medo do nada*”. Ou ainda, a “angústia do

nada" é o medo decorrente da ameaça ou da perda propriamente dita do objeto amado. Este objeto amado torna-se seu oposto, o "nada" diante de sua perda ou ameaça de perda (fantasia de perda). Pode parecer complexo isto tudo, mas é simples. Pode ser um trabalho que você ama e isto lhe nutre. A simples ameaça de perda deste objeto provoca a existência de seu oposto, "o nada" que fica diante da ausência deste "tudo amado". E este "tudo amado", diante de sua ameaça de morte, extinção e desaparecimento (seu "nada") leva a pessoa a sentir angústia diante deste "nada" que ficaria devido à ausência deste "tudo amado", no caso, o trabalho que ela ama e que a nutre. Este Outro que é agora não o "tudo amado" mas o "tudo odiado" emerge deste "nada" como sendo o Outro culpado pela separação entre a pessoa e seu objeto "tudo amado" (trabalho). Assim, "ele é responsável pelo meu sofrimento". Ele quem? O Outro. E quem é o Outro? Qualquer pessoa, fato, ocorrido, memória, etc. O deslocamento da culpa ao Outro como sendo o culpado pela ameaça ou morte do "tudo amado" faz com que a pessoa permaneça na posição de vítima possuída por este Outro mais poderoso. E mesmo que a pessoa não localize este Outro fora de si mesmo e sim dentro de si mesmo, ela assim, estará diante de um Outro que é "o nada": o "Outro" não-localizado, porém, acaba sendo "o tudo" que preenche o lugar vazio real ou imaginário que o "outro amado" preenchia. Com a exceção que este Outro é um outro angustiante, assediante, intruso. Muitos atribuem este Outro a um agente theta, obsessivo espiritual, porém, muitas vezes este Outro é o "nada" e, sendo "o nada" localiza-se no inconsciente da pessoa.

Este Outro mais poderoso que exerce uma ação cortante na pessoa impedindo-a ou ameaçando-a de manter uma relação amorosa com este objeto "tudo amado" (no caso, o trabalho) parece a figura de uma autoridade toda poderosa, um Outro com "o" maiúsculo e que coloca a pessoa com seu "p" minúsculo. Os primeiros Outros reais que exerceram autoridade na pessoa foram seus pais. O pai e a mãe desta pessoa. Podemos dizer que a estrutura criada na relação com estes Outros determinam, até certo ponto, este Outro que é o "nada"? O "nada" é o Outro, materialização do pai e da mãe? Ou daquele que assim exerceu tal função, no dizer de Freud, edípica? Logicamente é razoável pressupormos que o Outro ameaçador também é necessariamente a materialização, embora invisível, das primeiras autoridades da vida desta pessoa. Ou mais especificamente, este Outro é a expressão assombrosa e invisível de um somatório de autoridades que acabaram formando uma instância psíquica bastante estruturada:

um Outro dentro de si mesmo. É como se o sujeito tentasse se livrar deste Outro para preencher o vazio com um "Outro amado" e desejado. Um Outro em que o sujeito encontra-se na posição de *desejante* ao invés de *desejado*.

Pois bem que no caso da "angústia do nada" este Outro deseja possuir o sujeito, a pessoa. O "nada" personifica a figura do obsessivo, do assediador, do intruso ao psiquismo do sujeito. O psiquismo neste caso é localizado pelo sujeito como sendo o "Eu", o "si mesmo". Este Outro que deseja possuí-lo coloca o sujeito numa condição passiva de medo, acuado. Embora o sentido de "possuir" tenha vários significados, um deles remete ao seu conceito sexual, ou seja, o de ter "relação carnal" com alguém. Este "nada" que ameaça o sujeito é o "nada possuidor" que acaba levando o sujeito ao medo de ser possuído. Assim, a "angústia do nada" pode ser a angústia de ser possuído sexualmente (relação carnal) por este Outro. É uma força poderosa que exerce a reação de impotência do sujeito em relação ao Outro. Como se o sujeito não pudesse fazer "nada" para impedir que este Outro o possua e, com isto tenha uma "relação sexual" com ele. Outro modo de ver, é o possuidor como o Outro que domina, subjuga, torna o sujeito submisso a seu poder de influência. Vai além do sentido sexual e rumo para o sentido de "poder". O Outro como "o poderoso, o dominador". É como se fosse a força que diz: "você não é capaz, você vai morrer, você não tem condições....." É força aniquiladora do "Eu". E a "angústia do nada" é sinal de alarme para que o "Eu" se proteja desta força poderosa e onipotente que ameaça sua existência. Daí dizer que, toda angústia é "angústia de morte" (do Eu).

Quando a concepção de morte carrega o sentido de "nada", assim, o sujeito encontra-se com o buraco negro do cosmo. Seu "todo amado" serve para preencher este vazio existencial enigmático do "nada". Por exemplo, no caso de ameaça de perda do trabalho, o "todo amado" do sujeito em exemplo, o sujeito se vê diante do "nada", de um vazio do sem sentido em sua vida, do retornar a uma estado anterior, antes de estar atuando neste trabalho que tanto ama. E este estado anterior é o estado de dependência infantil tão ameaçador para este sujeito, aniquilador de si mesmo. Assim, podemos dizer que o Outro, neste caso, é em grande medida a vida experienciada numa infância dependente e angustiante. Seria então a "angústia do nada" neste caso, a angústia de voltar ao estado da infância? E isto gera "medo", o "medo do nada". Porque lembremos que o sujeito não localiza a angústia, ele simplesmente sente a angústia e não sabe donde vêm e o que é.

Assim, o “medo do nada” é o nível de fundo da “angústia do nada”. E como o “nada” é o Outro, temos o “medo do Outro”, “medo de ser possuído pelo Outro, aniquilado por ele”.

O que então “o nada”? É este Outro muitas vezes aterradorante que é a representação das pessoas que mantinha a pessoa na dependência infantil, no período pré-realização profissional. Indo mais a fundo, este Outro é a plastificação inconsciente da autoridade construída dentro de si que é a resultante dos modelos de autoridade já vividas pelo sujeito. Se espremermos estas autoridades numa única pessoa, teremos provavelmente, a figura dos pais desta vida em primeira mão. Se formos para as profundezas do inconsciente, teremos uma dimensão do Outro que caracteriza o modelo de autoridade construído ao longo da existência do Eu.

E quem são os pais? Eis aqui uma questão altamente complexa. Podemos ser românticos e dizer que os pais são aqueles seres que nos deram a chance de viver, e estaremos sendo justos. Por outro lado, podemos dizer que os “pais” são muito mais modelos representativos, mentais, que seres reais. Isto quer dizer que o “pai” tem uma dimensão “mítica” e “imagística” muito potente que muitas vezes transcende a dimensão real da pessoa que é. Uma criança vê os pais como pessoas grandes, fortes e superiores. Obviamente, pois a criança é um ser dependente e pequeno por natureza. Mas a forma como a criança vai significar esta posição vai determinar a natureza do conceito de pai/mãe criado. Assim, nasce o pai mítico. O pai agressivo ameaçava possuir tudo e todos com sua agressividade e a criança sentia-se possuída por aquilo, tomada por aquilo, diante da ameaça e não do ato de possuir propriamente dito. Pois a criança nunca fora possuída de fato. Este exemplo mostra o quão complexo são estas questões todas.

Em outras palavras, a “angústia do nada” atravessa e corrói a alma por dentro na possibilidade de encontrar na morte (auto-sufocamento) a solução da “angústia do nada”, a fuga. Aqui podemos encontrar uma relação entre experiências de “saída para fora do corpo” em momentos agudos de angústia. A morte nesse caso está ao lado da angústia, visto que a morte, dentro da possibilidade inconsciente, apresenta-se como o “nada”, a “extinção”, a ruptura, perda, mudança. Em síntese, sair de uma posição aparentemente conhecida, para outra, desconhecida. O desconhecido é o “nada”, o “vazio” da possibilidade do vir-a-ser.

#### **IV. Das Considerações Finais**

Em síntese, a angústia é sempre “angústia do nada”, “angústia de morte”, na medida em que, o medo do porvir, o medo do novo, o medo da perda e as conseqüências existenciais de tal perda, assim como o medo da morte se traduz na psicodinâmica do campo, dentro do ponto de vista parapsicológico, como a interrupção do fluxo de energia-consciência de confiança psíquica e existencial do ser perante ele mesmo e do ser perante a vida, a morte e a evolução natural das coisas do cosmos.

A perda do amor ou do objeto do amor evidencia complexos processos de projeção (no sentido psicanalítico) de conteúdos subjetivos e subconscientes do sujeito angustiado. Sonhos, ilusões, desejos frustrados, experiências passadas bonitas, expectativas e imaginações misturadas com realidade, fazem parte da rede psíquica tecida pelo angustiado que, distorce a realidade do objeto do amor para adaptar ao seu mundo. A separação de ambos, o sujeito do objeto do amor, na realidade é muito mais uma separação do sujeito para com ele mesmo e suas ilusões, do que o objeto do amor propriamente dito, carregado de projeções do sujeito. Assim, o objeto de amor transcende a si mesmo na medida em que, sendo o campo de projeção do sujeito amante acaba misturando aquilo que realmente é com o que o sujeito o impõe.

Com isto temos uma problemática de pesquisa muito mais complexa que envolve a relação entre os sujeitos, as pessoas, em última instância, as relações entre as consciências e suas intencionalidades conscientes e subconscientes. Neste campo onde ocorre a relação dum com outro temos um território vasto onde acharemos muitas respostas.

Assim, diante da ameaça completa deste Outro em tirar tudo que temos e assim tornando o “nada” este tudo invasivo que amedronta, o que é o “nada” a não ser o infinito vazio que existe dentro de nós tal como o Infinito vazio cósmico? Silencioso e perene, eternamente onipresente? O que é o “nada” além do espaço donde brota a fonte cósmica profunda, o espírito interior, a alma ou o espírito? Estaria o “nada” localizado em Deus? No local não-localizado nas profundezas da alma? Em última instância, o encontro com o “nada” não seria a fonte da segurança interior? Penso que sim. Ao encontrar-me com meu “nada”, senti-lo diretamente na experiência de angústia, compreendo-o, tocando-o, acabo por percebê-lo como um algo que só me causa medo por ser “vazio”. E mesmo o vazio, por mais estranho que pareça, está cheio. Do que o “nada” é

feito? O “nada” é *feito* de alma. E o encontro com o “nada” faz a diferenciação entre o Outro e o “nada” propriamente dito. Assim, temos duas realidades envolvidas na “angústia do nada”:

1. O Outro: o poder ameaçador que “rouba” ou ameaça roubar o objeto amoroso que preenche o “nada”.
2. O “nada”: o “nada” assim é a “parte” que falta ao espírito para sentir-se completo, integral. O “nada” é o tudo que o espírito anseia. Daí temos que a angústia está acompanhada de uma “ânsia do nada”.

Se a “angústia da existência” é a “angústia de ser” que, por sua vez é “angústia do nada”, então temos que, o “nada” pode ser sentido como o **não-ser**. Assim, a “angústia do nada” é “angústia do não-ser”. E angústia do não-ser é essencialmente a “angústia de morte”, “angústia de castração”. O “nada” é a ameaça de castração total do ser. E o auto-desaparecimento, no sentido de que o Eu sim, desapareceria, torna a angústia a base da existência humana. Isto posto na esfera existencial cósmica. Na esfera do inconsciente mais pessoal, o Outro ameaçador, numa primeira camada os pais e nas camadas mais profundas as experiências com autoridades em vidas anteriores, torna esta perda a maior ameaça possível ao homem. O “medo de perder” aquilo que lhe dá prazer, em primeiro lugar o pênis e, em segundo lugar, seus substitutivos: trabalho, objetos afetivos, amores, etc.

Para tornar ainda mais profunda e por outro lado, universalista a questão, finalizo este ensaio com as palavras da filósofa Rita Pinheiro:

“O existir autêntico supõe compromisso e risco. Na minha vida concreta eu busco uma verdade vivida, e esta vai expressar-se em meu comportamento cotidiano. Por isto a verdade é fruto da ação e não de um pensamento teórico, segundo Kierkegaard. A angústia existencial não leva o homem à solidão, ao individualismo, à incomunicabilidade ou à doutrina da salvação e da redenção.

Este existir autêntico me faz buscar o singular, mas não acontece sem sofrimento. Ninguém é ele mesmo sem antes querer sê-lo em sua liberdade. Daí a angústia porque ninguém pode fugir a este sentimento que acompanha toda escolha. **A** porta de acesso à condição humana é a experiência da angústia, nisto concordam todos os existencialistas.



O que é? Sob o ponto de vista subjetivo, a angústia é uma experiência extremamente intensa com uma nota emocional absolutamente peculiar. Nela misturam-se admiração, espanto, terror, exaltação, náusea e sublimidade. O caso de Abraão, por exemplo, demonstra espanto e sublimidade.

O objetivo da experiência da angústia é que diverge.

- a) realidade da existência = angústia de ser = angústia do nada
- b) particularidade ou individualidade humana = angústia do aqui e agora
- c) liberdade humana = angústia da liberdade

Em síntese, angústia é desespero. E o homem só sai do desespero quando orientando-se para si próprio, querendo ser ele próprio, o eu mergulha, através de sua própria transparência, até o poder que o criou", (Desespero Humano). Deus não pode estar numa realidade transcendente, mas em mim. Somos mais íntimos de Deus do que de nós mesmos."

## V. Referências Bibliográficas

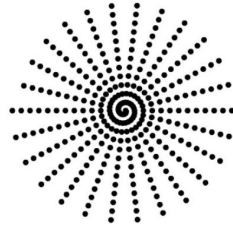
VIEIRA, Waldo. *Homo Sapiens Reurbaniuzatus*. CEAEC: 2006.

MENDES, Eliezer S. *Personalidade Subconsciente – Parapsicologia Clínica II*. Itiquira: 1975.

PINHEIRO, Rita J. C. *O Homem, a Angústia e sua Existência*. In *Jornal Existencial online*.

SALVINO, Fernando. *Caderno de anotações e registros pessoais de sessões de TVP*.

\_\_\_\_\_. *Caderno de anotações e registros pessoais de experiências fora do corpo*.



# NIAC

NÚCLEO DE INVESTIGAÇÕES AVANÇADAS DA CONSCIÊNCIA

*Publicação Eletrônica* - © Direitos Autorais Reservados